

O universo feminino na obra de Matilde Rosa Araújo

Maria Vanda ALMEIDA
(Escola EB 2,3 da Bobadela, Loures)

Algumas palavras...

Conhecer e trabalhar para a Professora Maria Emília Ricardo--Marques foi para mim um privilégio que nunca mais esquecerei.

Durante doze anos fiz parte da sua equipa, Centro de Estudos de Ensino a Distância, (CENTED), constituída por elementos pertencentes a diversas áreas académicas. Equipa polivalente cujo desempenho profissional era superiormente orientado pela sua Líder que sabia, como ninguém, gerir capacidades e sentimentos de uma forma lúcida e lúdica, permitindo que trabalhássemos juntos sem problemas, em sintonia com os objectivos comuns.

A sua cultura, criatividade e sensibilidade para ouvir, influenciar e colaborar, gerava em nós um estado de espírito que nos entusiasmava e nos levava a dar tudo por tudo, às vezes, até a perder a noção do tempo. E assim foram realizados muitos projectos, com muito êxito, alguns de destaque internacional.

Obrigada, professora, por tudo o que nos deu, pela paciência e pela confiança que sempre em nós, depositou.

Apresentação resumida da dissertação de Mestrado em Estudo sobre Mulheres, defendida em Julho de 2000, na Universidade Aberta.

Introdução

Este trabalho procura ser uma reflexão sobre o universo feminino na escrita de Matilde Rosa Araújo. O *corpus* a estudar, a partir de um modelo lexicométrico, é constituído por textos representativos de algumas obras da escritora:

Garrana (conto, 1943); *Palhaço Verde* (1986); e alguns contos de *O Menino dos Pés Frios* (1986)

Procura-se reconstituir um universo de referências na descoberta de relações léxico-textuais, de redes temáticas, que definem, como e porquê, a autora concebe experiências e exprime situações psicológicas.

A investigação realizada, inscreve-se na área de relações léxico-textuais, de redes temáticas e lexicogramas simples e complexas. No universo de referências, nos textos seleccionados, procura-se caracterizar o universo feminino nas obras atrás referidas.

Neste trabalho, em que a escrita de Matilde Rosa Araújo se apresenta como sujeito e objecto de estudo, iremos tentar perceber se há ou não um espaço de identificações cruzadas entre masculino e feminino, se há ou não uma partilha, um espaço superior em que o talento não tenha sexo, raça ou país. Haverá de facto uma escrita feminina? Poder-se-á dizer que a escritora, a poeta, escreve como mulher no mesmo lugar que o homem? Será ou não a escrita plural? Devem as respectivas racionalidades coexistir ou a criatividade é essencialmente masculina?

Ao longo do estudo tenta-se, também, analisar em que medida a mulher, a menina, a criança são inspiradoras de Matilde Rosa Araújo.

Em que medida a escrita, a mensagem linguística, política, social e humana da obra se insere num universo feminino.

É a partir do levantamento lexical da respectiva frequência e arborescências das palavras e do inquérito (masculino/feminino), aos alunos, que se fará esse estudo.

Estrutura do trabalho

A dissertação em questão divide-se em quatro partes essenciais.

Na primeira parte faz-se um enquadramento teórico e metodológico do trabalho. Para além de apresentar o objecto e sujeito de estudo, as respectivas hipóteses e os objectivos da pesquisa, são enunciados os métodos e as técnicas utilizadas como suporte para a sua prossecução.

Na segunda parte, procura-se situar a problemática em estudo num contexto teórico e conceptual sobre a génese e evolução dos conceitos e estereótipos da nossa cultura.

Procede-se, em seguida, a uma análise da vida e obra da autora. Tenta-se compreender as características sociais, culturais e linguísticas, a partir de um *corpus* constituído pelo levantamento lexical de várias das suas obras.

Na terceira parte faz-se o tratamento lexicométrico. A partir do levantamento lexical do *corpus* constituído pelas obras: *Palhaço Verde*, *Garrana*, alguns contos de *O Menino dos Pés Frios*, fazem-se as arborescências das palavras de maior frequência, tentando perceber se a escrita tem características femininas e até que ponto toda a sua obra se apresenta com valor didáctico, no plano sociolinguístico em que através da palavra, implementa, na formação dos jovens, os valores da cooperação e solidariedade, demonstrando-lhes que eles têm, não só Direitos, mas Deveres a cumprir na sociedade em que estão inseridos.

Finalmente na quarta parte faz-se um estudo exploratório, por meio de inquéritos masculino/feminino, a alunos, para verificação de hipóteses.

Opção metodológica

A metodologia usada será a lexicometria textual: "conjunto de métodos que permitem operar, a partir de análises formais do vocabulário (conjunto de formas actualizadas no discurso, atestadas num texto ou num *corpus* de textos), de um *corpus* recolhido na sequência textual".

Lexicometria: tem por objecto investigar a partir de segmentos textuais em função de certos itens, segmentos delimitados por duas pontuações fortes. Esses segmentos contextualizados à esquerda e à direita permitem estabelecer lexicogramas, simples e complexos.

Lexicograma: É uma organização sintagmática em volta de uma forma lexical pólo, havendo ocorrências, quer à sua esquerda, quer à sua direita. Essa organização obedece a regras de co-ocorrência e de hierarquização que nos permite, por dados estatísticos, obter duas listas de formas co-ocorrentes: uma à esquerda, outra à direita.

Cada forma lexical pode tornar-se pólo e abrir novas redes. Depois, por regras de conexão estabelecer-se-á um grafo representativo de relações concretas entre pólos.

Parte-se, em seguida, para a lematização: reagrupamento sob uma forma que pode apresentar uma mesma unidade de significação lexicográfica. (Galisson & Coste, 1976).

Para a verificação da hipótese em que haverá veiculação de valores nas obras estudadas recorre-se a inquéritos feitos a alunos.

Objectivos

Compreender até que ponto o discurso relativo à prosa da escritora pode ser ou não considerado uma escrita feminina.

Analisar e comparar a construção do pensamento, as palavras, as referências lexicais mais utilizadas no discurso de autoria feminina.

Conhecer a imagem/mulheres no *corpus* estudado.

Perceber se a escrita feminina de autoria feminina é diferente da masculina e se a linguística das estruturas o pode reflectir.

Compreender até que ponto há veiculação de valores, nas obras em estudo. Através de um inquérito, faz-se a verificação dessa hipótese no respectivo estudo exploratório (masculino/feminino).

Cultura/modo de ser e de estar/a instrução das mulheres

É difícil apresentar uma definição de cultura. Kroeber e Kluckhohn enumeram 164 definições diferentes. Mas se entendermos por cultura os modos de viver e de ser das pessoas no sentido de diversas filosofias da vida, segundo as quais, os seres humanos se orientam, poderemos perguntar de que maneira a cultura actua na nossa vida.

As mulheres têm um mundo privado e os homens um mundo público? Claro que não. Mas como foi construído esse pensamento? Que conceitos vão vincular esse pensamento? Teríamos de remontar à cultura grega. Desde Aristóteles a Freud se identificou a mulher como natureza em oposição à cultura. A mulher como lugar de ordem e de memória, faz-se dela um ser conservador, enquanto os homens são progressistas. É uma oposição marcada. Ela está sempre ao lado do imaginário. Dá à luz, mas quem pensa e quem gere é o homem. As jovens das classes altas, no passado, se não eram educadas em casa iam muito cedo para os conventos onde recebiam uma preparação para a vida de casada ou religiosa. A educação das raparigas pretendia ser sempre adaptada à sua "natureza", a finalidade da mulher tal como é entendida na época.

Características da escrita no feminino

Nos livros de Matilde Rosa Araújo encontramos personagens femininas e personagens masculinas, demonstrando sensibilidade ao conceito de género e da igualdade. Mas que tipo de sensibilidade?

Segundo vários autores, a escrita por mulheres sempre existiu. E a escrita de autoria feminina tem algumas linhas de força, devido certamente à situação da mulher na sociedade. Uma situação particular, ao longo dos séculos. Para várias autoras a escrita feminina é um espaço de conflito entre o desejo de escrever e uma sistemática hostilidade social, atenuada, irónica e depreciativa. A mulher pode conceber, criar filhos ou parir, na dor, mas a sua escrita é considerada marginal ou subversiva. A mulher procria, o homem escreve. E se houve mulheres que escreveram ou puderam escrever, não foram com certeza as mulheres do povo.

Para aceder à vida intelectual era preciso optar por uma vida à margem do sistema familiar: ser religiosa, solteira, completamente à parte da organização da família.

Mas existem realmente características literárias que possamos considerar como predominantemente femininas?

A escrita feminina é uma escrita de dentro, do corpo, de dentro da casa, da mãe, das origens, fora do *tempo linear*. O tempo fora da casa, linear, progressivo, público, político, é o dos homens. Ou era, em muitos casos.

Uma das características da escrita de autoria feminina era a criação de universos fantásticos ou de um realismo mágico onde a magia se cruza com a vida quotidiana. Também como característica do pensamento feminino se referem os aspectos como os da percepção do real, dimensão telúrica, da relação com o tempo, da relação com a racionalidade e do tratamento das relações inter-subjectivas.

A escrita do corpo tem a ver com o relacionamento com o mundo, com a natureza, os objectos, pessoas e acontecimentos. A nível da percepção encontramos a captação redonda, não linear, da realidade. A escrita de autoria feminina vai-se caracterizando assim pela semântica sensual, pelos silêncios e atenção na mulher sempre atenta ao que a rodeia, centrando-se muito na casa, "casa caiada de branco, com uma linda trepadeira azul-roxo, à porta, fazendo alpendre" (MRA, Joana-Ana, 1981). A casa, casa – mãe, é um ambiente sempre comum à grande maioria das escritoras.

O Palhaço Verde (1984), *A História de um Rapaz* (1986), *O Sol e o Menino dos Pés Frios* (1986), e outros, são obras da autora em que a representação masculina é importante, mas os protagonistas não aparecem isolados.

O Livro da *Tila* (1986), *O Cantar da Tila* (1986), *Balada das Vinte Meninas* (1977), *Joana-Ana* (1981), *A Velha do Bosque* (1983), *A Guitarra da Boneca* (1983), *As Fadas Verdes* (1994), *Rosalinda foi à Feira* (1993), são algumas das obras em que os protagonistas são femininos. Mas com uns e com outros encontramos sempre uma relação entre os dois géneros. Mesmo em o menino de "pezitos enregelados", ele "encontra uma mulher protectora, com um coração como uma flor" (*O Menino dos pés frios*, 1986, p. 15).

Há uma linguagem de Mulheres?

A questão que se põe é saber se há uma linguagem de mulheres, uma arte própria de mulheres. E se há, quando começa? As respostas são complexas e variadas. Há quem se apoie na experiência específica do corpo, outras sobre a posição sócio-histórica particular das mulheres para emitir hipóteses, mesmo até para afirmar a especificidade da sua expressão. Algumas, no entanto, que reconhecem e analisam a realidade passada e presente recusam considerá-la como essencial e de a erguer em nova norma. Esta especificidade pode testemunhar um facto, mas não deixa de ser um facto em aberto.

A libertação das mulheres passa pela linguagem "La libération des femmes passe par le langage" (Cixous, 1976). E entenda-se linguagem em sentido próprio – a prática da Língua – e também em sentido figurado – a elaboração simbólica.

Tomar a palavra, elaborar imagens de si mesma, dos outros e do mundo, constituir um espaço simbólico, ser sujeito de cultura é pois, para as mulheres, uma proposta fundamental, capital, susceptível de modificar profundamente o sistema de informação entre os sexos. Muitas

vezes se sublinha a fraca presença das mulheres criadoras na história. Com efeito, em toda a sociedade, a notícia sobre elas é anónima e invisível. E nunca se inscreve como capital comum, porque não beneficia da caução do poder: é ocultada ou manifesta-se através de um nome de homem; uma mulher, qualquer que seja a sua identidade, é muitas vezes vista como a "mulher de...". Por essa razão, é ocultada a acção das mulheres no que se refere a grande número de obras individuais existentes.

Assim, a linguagem, a organização cultural e as representações que a humanidade dá de si mesma, nos rituais, mitos, obras de arte, nos média, são maioritariamente determinadas pelo olhar dos homens e impostas por eles. A resolução desta situação, para o acesso das mulheres à posição de sujeito de linguagem, não pode acontecer por decreto. Não é do lado da emissão, mas do local da recepção que a linguagem das mulheres é prejudicada. A posição sexuada feminina do sujeito falante não é mais nem menos "particular" que a do masculino. Assimilá-la ao particular é um acto de dominação. Apesar disso, o acesso das mulheres à posição de sujeitos de linguagem, de produtoras de signos, para a maior parte dos autores, não constitui, um espaço simbólico feminino oposto e paralelo ao espaço simbólico masculino, mas um espaço plural em que cada um se pode exprimir.

Uma língua não é material inerte, regido pela gramática e dicionário: uma língua são gentes que falam, que escrevem, que se falam, que se escrevem. Do mesmo modo, uma língua conhece as variações no espaço geográfico e social, segundo os grupos e os indivíduos que a praticam. Não podemos emitir hipóteses segundo as quais a diferença sexual é o eixo de uma destas variações.

A língua pública, aquela que se fala em voz alta, é uma linguagem que tem ficado sempre estranha às mulheres. Tem sido uma língua de homens; a do médico, do político, do advogado, do padre, do professor, do jornalista, mas também do electricista, do canalizador do responsável sindical, etc.

Levantamento lexical de algumas obras de Matilde Rosa Araújo

Foram feitos os levantamentos lexicais do *corpus* do trabalho, em computador (ver anexos). Obtivemos duas listagens; uma por ordem de frequência, outra por ordem alfabética. Na primeira listagem temos a frequência absoluta de cada forma, por exemplo: 472: formas "e", a mais frequente no *corpus*. Portanto, a forma e, é o número 842, por ordem alfabética. Há 2481 formas no total do ficheiro. Em 2481 formas diferentes, grande parte delas são ocorrências únicas, o que nos leva a dizer que o vocabulário desta autora é rico e variado.

- O número total de ocorrências do *corpus*: 11662
- O número das formas que ocorrem uma única vez (hapax): 1394 – 56%

Elaboração das arborescências temáticas

Escalas semânticas: as semelhanças semânticas trabalham-se, geralmente, a partir da organização ou criação de escalas. Neste espaço, a análise fez-se através de correspondência. As palavras-estímulo podem ser analisadas em três dimensões: potência, avaliação e actividade.

Na escala multidimensional existe uma graduação subjectiva de semelhança, fazendo-se a relação entre os termos e, escolhendo as dimensões que parecem mais adequadas. Neste trabalho, e de acordo com as formas com maior frequência, fizeram-se agrupamentos, lexicogramas, em que os termos são semanticamente semelhantes e onde cada item, ou cada par, é comparado com outro.

Passar de uma abordagem semiótica a uma perspectiva semântica, implica tentar aproximar a inter-subjectividade própria ao discurso da enunciação, ao campo dos enunciados finitos, e permite o levantamento das forças intencionais (Fonseca, J., 1983), das sequências de actos de fala em que a comunicação se cumpre.

Os agrupamentos semânticos representam relações organizadas, permitindo-se caracterizar e distinguir cada termo em relação aos outros que também estão abrangidos pelo domínio léxico-semântico escolhido.

Assim seleccionámos as palavras-estímulo das arborescências semânticas, que a autora mais usou, e que se inserem nos capítulos da 2ª e 3ª partes da classificação do Dicionário Analógico de Artur Bivar (1947).

Análise da frequência das palavras — em arborescências

Cores – 1.º Grupo - com 149 ocorrências. Esta arborescência mostra como a ideia das várias cores são importantes no mundo. Como um puzzle em que todos os elementos são necessários para o todo. (*Dicionário Analógico*, capítulo CV "Cores", 2.ª Parte, "Matéria"). Luz – 2.º Grupo - com 110 frequências.

Neste agrupamento vemos como matéria e espírito, brilho, encanto e magia são tão necessários ao nosso bem estar. (*D.A.*, capítulo IV da 2.ª Parte e capítulo VII – "Sentimentos e qualidade do homem", 3.ª Parte, "matéria e espírito do homem"). Grandeza – 3.º Grupo - com 96 frequências.

Aqui a grandeza é importante para o equilíbrio que é preciso encontrar. (*D.A.*, capítulo VII da 3.ª Parte ("Sentimentos e qualidades do Homem").

Sentimentos – 4.º Grupo - com 42 frequências, sentimentos que nos constroem (*D.A.*, capítulo VII, "Sentimento e qualidade do homem" – 3.ª Parte).

Recorremos, também, à lematização, reagrupamento sob uma forma que pode apresentar uma mesma unidade de significação lexicográfica (Galisson & Costa, 1996).

Veiculação de valores através da obra da escritora

Entre outras palavras-estímulo, o *corpus* em estudo está baseado nas palavras-estímulo: **mãos** (55 vezes), **coração** (25 vezes). Dois elementos predominantemente afectivos. É com as nossas **mãos** que se fazem (23 ocorrências) as mudanças que o **coração** deseja. A envolver toda essa **ideia** (8 vezes) está a presença da **luz** (30 vezes) do **sol** (53 vezes) que nos **ilumina** (3 vezes) a todos nós, na **alegria** (20 vezes) **brilhante** (14 vezes) da **esperança** (25 vezes). Para isso é preciso **olhar** (52 ocorrências), **rir** (44 ocorrências), ou **sorrir** (29 ocorrências), **sentir** (14 ocorrências) e **pensar** (19 ocorrências). Porque **querer** (24) é **poder** (24).

Quadro 5.1 – Ocorrências referentes às palavras-estímulo

Ocorrências	Verbos	Substantivos	Adjectivos
55	-	mãos	-
25	-	coração	-
30	-	luz	-
53	-	Sol	-
20	-	alegria	-
14	-	-	brilhante
25	-	esperança	-
52	olhar	-	-
19	pensar	-	-
44	rir	-	-
29	sorrir	-	-
14	sentir	-	-
24	querer	-	-
24	poder	-	-
08	-	ideia	-
03	ilumina	-	-
23	fazem	-	-
454	232	208	14

Inquiridos; estudo exploratório

Características dos inquiridos

- População: alunos do 3.º Ciclo da Escola EB Básica 2, 3 da Costa da Caparica.
- Amostra: alunos de uma turma do 7.º Ano e alunos de duas turmas do 8.º Ano.
- Variável em estudo: "O Sol" conto extraído do livro *O Menino dos Pés Frios* de Matilde Rosa Araújo.
- Sexo: masculino (43 elementos); feminino (43 elementos)
- Faixa etária: entre os 11 e os 15 anos

Para verificar as hipóteses, já no princípio apresentadas, fizeram-se inquiridos a alunos. Sobre o texto "O Sol" do teste, foram feitas perguntas adequadas no sentido de se perceber se os alunos caracterizaram a escrita do texto como feminina ou masculina; se através das palavras, das frases, eles perceberam que nelas eram vinculados os valores de amizade e de solidariedade e, em que medida, a mensagem linguística, política, social e humana se inseria num universo feminino.

Assim, verificámos que os 86 alunos do 7.º e 8.º anos, gostaram, interpretaram e compreenderam o sentido do texto com relativa facilidade. *Não o identificaram como uma escrita feminina*. Souberam realizar a arborescência semântica pedida em torno da palavra Sol; palavra, título, do próprio texto e que tem um significado físico, íntimo e psicológico.

O questionário feito aos alunos confirma e mostra o nível de compreensão e de adesão às ideias veiculadas pela escritora.

Conclusão

A autora ensina à língua o sentido dos cambiantes e o requinte de certos estados de alma. Mas mais do que isso, dá lições emocionais que moldam os circuitos emocionais, tornando-os mais aptos. A infância e a adolescência são como janelas de oportunidade críticas para definir os hábitos emocionais essenciais que vão governar as suas vidas. Por isso, é preciso ensinar às crianças as capacidades emocionais e sociais que vão precisar para viverem em ordem (Goleman, 1995).

A linguagem da escritora é veículo de transmissão de valores porque as palavras-estímulo usadas ensinam aos jovens a coragem, a compreensão e a alegria de viver em solidariedade. Há na sua escrita um espaço pedagógico que contempla a vertente informativa indispensável à formação de uma consciência crítica e responsável, relativamente ao mundo social.

Linguagem que implementa os valores que formam a personalidade dos futuros adultos. Se essa linguagem é feminina poderá ser ou não conforme já foi analisado, anteriormente. Mas podemos confirmar que o inquérito feito aos alunos da Escola EB 2, 3 da Costa da Caparica, nos mostra que a maior parte deles não identificaram o texto: "O Sol", do inquérito, como uma escrita feminina.

Assim, pelo estudo feito poder-se-á dizer que não há uma escrita feminina, como não há uma escrita masculina. Não há homens ou mulheres a escrever. Há sim, pessoas que escrevem consoante a sua cultura, a sua maneira de ser e de estar. Há, sim uma maneira de dizer as coisas. Porque não é aquilo que se diz, mas a maneira como se diz, que é importante. É essa maneira de dizer essa maneira de acariciar as ideias, é que cria maior ou menor empatia psicológica. E essa empatia psicológica decorre de uma inteligência afectiva dominante.

Em Matilde Rosa Araújo, a efectividade é inteligente, porque junta a mente com o coração, nos seus livros e na sala de aula, transmitindo competências humanas essenciais, como autoconsciência, autodomínio e a arte de resolver conflitos e de cooperar.

Ninguém pode pensar só através de uma inteligência matemática, dita "pura". A maior ou menor interdependência da sensibilidade e do pensamento é importante. A expressão humana supõe reacção subjectiva perante qualquer acontecimento, facto ou objecto e só depois a comunicação a outros se faz pelas palavras que decorrem dessa reacção interior. As coisas mais humildes estão cheias de mistérios que só se deixam captar por quem lhes for sensível.

Nestes textos a imaginação anda sempre acompanhada da inteligência, mostrando novas direcções, de solução, porque só sabendo "ver", só sentido o que se vê, se pode "dar" aquilo que se viu. "É com o coração que vemos claramente; o que é essencial é invisível aos nossos olhos" (Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*).

O conto o "O Sol" como toda a obra desta escritora, é escrita com uma "pena de luz" com a pena do amor e do entendimento em que a criança está sempre presente, como esperança de um futuro melhor.

"Virá um dia em que as nações serão avaliadas, não pelo seu poder económico ou militar, mas sim pela forma como protegem as suas crianças. Nada é mais importante"; diz a Unicef e também o diz Matilde Rosa Araújo.

Referências Bibliográficas

- AA. VV. (1992), "Le langage des femmes", *Les Cahiers Du Grif*, 15.
- AMÂNCIO, Lígia (1994), *Masculino e Feminino, a Construção Social da Diferença*, Porto, Ed. Afrontamento.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1943), *A Garrana*, Lisboa, Grémio Nacional de Editores e Livreiros/"O Século Ilustrado" / RCP.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1986), *O Livro da Tila*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1962), *O Palhaço Verde*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1986), *História de um Rapaz*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1986), *O Sol e o Menino dos Pés Frios*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1983), *Os Quatro Irmãos*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1977), *Balada das Vinte Meninas*, Lisboa, Plátano.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1981), *Joana-Ana*, Lisboa, Horizonte.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1993), *Rosalinda foi à Feira*, Coimbra, Arnado.
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1994), *As Fadas Verdes*, Porto, Civilização.
- BÍVAR, Artur (1948), *Dicionário Geral e Analógico de Língua Portuguesa*, Porto, Edições Ouro, Lda.
- DACOSTA, Fernando (1994), Matilde Rosa Araújo: o gosto de viver, *Público Magazine*, 250.
- DAMÁSIO, António (2000), *O Sentimento de Si: o Corpo, a Tentação e Neurologia da Consciência*, Lisboa, Europa-América.
- DUBY, Georges e Michelle Perrot, (1991) *História de Mulheres: O Século XX*, vol. V, Porto, Ed. Afrontamento.
- GOLEMAN, Daniel (1995), *Inteligência Emocional*, Lisboa, Temas e Debates.
- GOMES, José António (1994), *Para cada Criança há um Trono Vazio: Introdução à obra de Matilde Rosa Araújo*, Lisboa, Secção Portuguesa do IBBY.
- JOAQUIM, Teresa (1997), *Menina e Moça: A Construção Social da Feminilidade*, Lisboa, Fim de Século.
- JOAQUIM, Teresa e Fernanda Henriques (1995), "Os materiais pedagógicos e o desenvolvimento de uma educação para a igualdade dos sexos", CIDM, *Ditos e Escritos*, 10.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro (1987), *O Tempo das Mulheres: a Dimensão Temporal Na Escrita Feminina Contemporânea*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro (1995), *O Sexo dos Textos*, Lisboa, Caminho.
- RICARDO-MARQUES, Maria Emília (1988), "Complementação verbal, estudo sociolinguístico", em *Tese de Doutoramento em Linguística*, vols. I, II, III, e IV, Lisboa.
- RICARDO-MARQUES, Maria Emília (1996), *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Lisboa, Universidade Aberta.
- RICARDO-MARQUES, Maria Emília (1997), *Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Aberta.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho Sousa e Ana Luísa Amaral (1997), *Sobre a Escrita Feminina*, Coimbra, Oficina do CES.